

Encontro Regional da ABRALIC 2007
Literatura, Artes, Saberes

23 a 25 de julho de 2007
USP – São Paulo, Brasil

Guimarães Rosa e Nietzsche: horizontes possíveis
 Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos (UEL)

Introdução

Com a presente comunicação busca-se registrar um horizonte onde parece ser possível um encontro entre Nietzsche e Guimarães Rosa. Não se trata, acima de tudo, de fazer deste um leitor de Nietzsche. Neste sentido, ensaia-se uma leitura que permita o encontro entre dois personagens distantes no tempo e no espaço: o espírito livre nietzschiano revirando terras metafísicas interiores e Riobaldo, personagem-narrador de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, em sua errância pelo labiríntico sertão que “querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem” (ROSA, 1986. p. 335). Contudo, se aparecem distantes no tempo e no espaço, aproximam-se sobremaneira no tratamento que é, através deles, dado ao humano, “esta coisa obscura e velada” no dizer de Nietzsche em *Schopenhauer como Educador* (NIETZSCHE, 1992, p. 19) e à percepção da vida “como meio de conhecimento” como escrito em *A Gaia Ciência* (NIETZSCHE, 2001. p. 215).

Algumas características dos personagens

Nesta possibilidade de aproximação entre os referidos autores deve-se, no entanto, levar em conta o modo diferenciado como são delimitados os personagens em questão. No caso do espírito livre, tem-se sua concepção refletida na constituição de um retrato que é feito na medida em que se põe a caminho um retrato em devir, sendo sempre, de qualquer modo, uma singular e solitária. Aqui o espírito livre deve apreender algo já apreendido por Riobaldo em sua rememoração e por intermédio de seu compadre Quelemém: “capinar é sozinho” (ROSA, 1986. p. 46). Com isto quer-se dizer que se tem um personagem concebido na solidão, e, ainda mais, como companhia e, também, como uma espécie de laboratório no trabalho de experimentação e de dissecação da alma em prol da árdua tarefa de conhecimento e de constituição de si mesmo. Num momento da obra em que o retrato já estará mais delineado e o espírito mais livre, a solidão se torna mesmo uma virtude: “Pois a solidão é conosco uma virtude, enquanto sublime pendor e ímpeto para o asseio, que percebe como no contato entre as pessoas – ‘em sociedade’ – as coisas se dão inevitavelmente sujas” (NIETZSCHE, 1996, p. 190).

Fosse idealizar esse retrato, no meio deste percurso, o espírito livre surgiria diante de nossos olhos um tanto irreligioso, cético, pessimista, disposto a uma vida simples; um tanto livre das amarras (social, moral, religiosa, política, econômica e afetiva) e contemplativo. Porém, sua contemplação antimetafísica e anti-romântica seria a de um andarilho apaixonado pelo conhecimento: seja pelos labirintos da alma humana, seja pelos caminhos tortuosos que o conhecimento percorre em sua relação com mundo da vida. Será exatamente aqui que se estabelecerá para o espírito livre a coragem enquanto uma virtude ligada à proibidade. A coragem que o acompanha na descida até o fundo de realidades menos fáceis de ver e confessar, de olhar em face das coisas que preferiríamos ignorar. É deste modo que em sua singular errância não mais busca portos seguros em mundos por detrás, mas procura, isto sim, se acercar das coisas mais próximas e mais misteriosas. Busca, sem Deus, mas ainda em meio a suas sombras,

trilhar o caminho dos perigos próprios para aquele que se arrisca na aventura de um mundo apenas demasiado humano.

Aqui tudo se passa como se a escrita no tempo presente, no máximo uma rememoração recente, fosse imprimindo no retrato em devir os resultados do exercício espiritual necessário para se liberar de pesos impostos e carregados anteriormente (aqui a entrada em cena de um antagonismo que pode se estabelecer entre um espírito cativo e um espírito em vias de liberação), ou seja, de um árduo trabalho sobre si mesmo no revirar das terras metafísicas tornadas infrutíferas para que o novo possa ser semeado. Nessa direção, os espíritos livres, enquanto indivíduos mais independentes e, ao mesmo tempo, mais inseguros (a confiança numa vida baseada na metafísica, com sua verdade e lógica, se foi), são visualizados como possibilidade de inoculação do novo golpeando, antes de tudo, o instinto de rebanho fortemente incorporado.

No caso de Riobaldo, tem-se a narração da travessia vivida a um silencioso interlocutor por alguém já idoso que ainda se defronta com uma impossibilidade na rememoração que ensaia: a busca por um tempo passado não implica em sua redescoberta numa clareza fundamental e nem em um reconhecimento absoluto. Na narração trata-se ainda, isto sim, de uma espécie de constante devir que ainda se expressa numa rememoração labiríntica. Neste processo de rememoração tem-se um devir com possibilidade de compreensão *a posteriori*: “mas, eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda. Se ia, se ia” (ROSA, 1986, p. 343), como também, “Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado” (ROSA, 1986, p. 444). Esse devir torna-se mais evidente na medida em que se descobre participando de um jogo definido pelo destino e onde o perigo, o medo, a coragem e o amor ocupam o lugar reservado na apreensão, também *a posteriori*, do trágico vivido. Segundo Clément Rosset,

La compréhension tragique suppose un Temps immobile, à l'arrêt... La raison ne peut rendre compte de l'événement qu'à l'aide de la complicité du Temps: les causes qu'elle invoque, les fins par lesquelles elle essaie de justifier, la liberté qu'elle tente de rendre responsable, supposent une présence docile des trois dimensions du Temps, respectivement du passé, de l'avenir, et du présent (ROSSET, 2000, p. 9)¹.

Não há aqui, segundo me parece, uma reconciliação ou o apaziguar de uma infeliz consciência. Tudo se passa como se as possíveis entradas surgissem incessantemente sem que isso se concluísse numa chegada objetiva que pudesse ser o de uma consciência num encontro fundamental consigo mesma. Trata-se sempre da “incompletude do sujeito narrador que se busca a si mesmo, e que procura completar-se através da narração” (NUNES, 2002, p. 518). Aqui tempo e conceito parecem não acompanhar qualquer lógica apaziguadora da incerteza que preside a travessia: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1986, p. 52), ou ainda, “Viver é um descuido prosseguido” (ROSA, 1986, p. 57).

Seja como for, tanto com o espírito livre percebendo seu caminho na medida em que ara e revira as terras da metafísica quanto com Riobaldo rememorando e ensaiando compreender um caminho anteriormente feito pelo sertão, tem-se presente uma sorte de

¹ A compreensão trágica supõe um tempo imóvel, estacionado... A razão pode apenas dar conta do acontecimento com a ajuda da cumplicidade do tempo: as causas que ela invoca, os fins pelos quais ela tenta justificar, a liberdade que ela tenta tornar responsável, supõem uma presença dócil das três dimensões do tempo, respectivamente do passado, do futuro e do presente.

predestinação ao labirinto, posto saber, mesmo já idoso, que nunca se sai, apenas se caminha.

A vida como meio de conhecimento

Com Nietzsche há um acontecimento que surge em cena como definidor do modo como a vida torna-se uma dificuldade para aquele que busca o conhecimento e definidor, ao mesmo tempo, para o percurso de liberação do espírito: “A confiança na vida se foi; a vida mesmo tornou-se um problema. – Mas não se creia que isto torne alguém necessariamente sombrio. Mesmo o amor à vida é ainda possível – apenas se ama diferente. É o amor a uma mulher da qual se duvida...” (NIETZSCHE, 2001, p. 13) Esse texto citado, no que se refere ao acontecimento em questão, aponta tanto para uma percepção diferente em relação à verdade que, de certa forma, fundamentava a compreensão que se tinha até então da vida, surgindo agora mais misteriosa e mais velada quanto aponta para atitudes que podem se produzir nesse contexto: pode-se desesperar pela perda do fundamento, mas pode-se também visualizar essa perda como momento de excepcional júbilo para aquele disposto a ir em direção ao “extremo como a uma festa” (NIETZSCHE, 2001, p. 205). Trata-se aqui, no contexto do pensamento de Nietzsche, do acontecimento relativo à morte de Deus e das conseqüências que este traz a todo um regime moral e gramatical:

Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruge, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade* – e já não existe mais “terra” (NIETZSCHE, 2001, p. 147).

Para expressar esse acontecimento e suas conseqüências para o conhecimento do homem e do mundo, Nietzsche recorrerá diversas vezes à imagem de mar aberto e à ânsia de navegá-lo por aquele que também anseia por esse conhecimento, e isto apesar do perigo e da insegurança implicados no lançar-se em busca do novo e do desconhecido: “não podemos mais voltar ao antigo, já queimamos o barco: só nos resta ser corajosos, aconteça o que acontecer. – Apenas andemos, apenas saíamos do lugar!” (NIETZSCHE, 2000, p. 171)

Essa perspectiva de um lançar-se ao mar surge colocando em cena o caráter incontornável da vida como ensaio, como tentativa, enfim, como o tatear de um horizonte que pode numa primeira visada parecer assombroso pela perda da claridade que se pensava ter até então. Aproveito aqui para inserir um exemplo dessa perspectiva da vida como ensaio dado por Peter Sloterdijk. Para tal, ele se utiliza de uma imagem se referindo aos marinheiros portugueses se lançando ao mar:

les navigateurs portugais se sont fiancés avec le vent. Ils se sont laissés tomber – d’abord en pensée, puis sur des navires – dans les belles brises fiables qui soufflent sur l’Océan et éloignent de l’Europe. Ils ont franchi la frontière à partir de laquelle il n’existe plus d’espoir rationnel en un retour et

ont laissé l'alizé les porter en haute mer, engageant inconditionnellement leurs navires et leurs vies (SLOTERDIJK, 2001, p. 331)².

Quando se fala aqui em navegação, pode-se também referir-se à “segunda navegação” de Platão conforme este fala no *Fédon* de um recurso ao remo quando lhe faltaram os ventos para impulsionar sua embarcação. Com essa imagem de uma “segunda navegação” ele queria referir-se ao esforço de se sair de uma primeira tentativa de alcançar a verdade no mundo físico conduzindo-se a outro mundo, este sim verdadeiro, contendo as formas de todas as coisas. Na verdade, a navegação nietzschiana se contrapõe a esta pelo fato de fazer um percurso inverso, saindo de uma perspectiva que se fundaria no inteligível em direção a uma outra estabelecida no domínio perturbador das aparências, aliás, a única realidade da qual podemos nos aproximar. Navegação e travessia num mundo que agora se sabe apenas como perspectivas, apenas como criação do humano:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos! (NIETZSCHE, 2001, p. 204)

Penso que aqui podemos nos encontrar com Guimarães Rosa/Riobaldo quando este indaga sobre a impossibilidade de se chegar à “verdade de realidade” num viver que se dissimula em perspectivas, numa vida que inventa: “A vida disfarça?... No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso (...)” (ROSA, 1986, p. 70), significando, em decorrência disso, um mundo de perigos e de insegurança, onde as convicções que anteriormente davam guarida não têm mais lugar privilegiado.

Neste mundo, resultado da plasticidade humana, as convicções seriam, inclusive, mais prejudiciais para a verdade – agora desvelada em sua limitação perspectivista – do que as mentiras. Sabe-se agora existindo nos limites de um “perigoso talvez” onde a natureza e a vida se encontram à disposição para novas tentativas. Sabe-se, do mesmo modo, que a potência da vida está justamente em sua incerteza, em sua necessidade de tatear, em sua errância, e que ela repousa em pressupostos imorais, ou seja, além do bem do e mal, posto não haver nada dado de antemão como normalmente nossas convicções nos faziam acreditar.

Nesse contexto, torna-se também possível uma aproximação com as travessias feitas por Rio-baldo, “o explorador de um rio” (BOLLE, 2004, p. 77), na “imensidade” do Rio São Francisco e pelo sertão que “é do tamanho do mundo” (ROSA, 1986, p. 60). Do mesmo modo que a morte de Deus torna-se o acontecimento definidor na compreensão da vida para o espírito em vias de liberação, para Riobaldo-narrador, o primeiro encontro com o Menino revela-se o acontecimento por excelência em sua rememoração que busca o aprendizado da vida e dos perigos que o viver comporta. Nesse encontro, Riobaldo aprende também a respeito da coragem enquanto a virtude requerida para a travessia. Ela surge como exercício exigido para se vencer o

² os navegadores portugueses se casaram com o vento. Eles se abandonaram – primeiro em pensamento, depois em cima de embarcações – nas belas brisas confiáveis que sopram sobre o oceano e se distanciam da Europa. Eles ultrapassaram a fronteira a partir da qual não existe mais esperança racional num retorno e deixaram o alísio os levar para alto mar, engajando incondicionalmente suas embarcações e suas vidas.

onipresente medo. Neste momento, tem-se a rememoração da primeira travessia do Rio São Francisco:

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa... Não pensei nada. Eu tinha o medo imediato. (ROSA, 1986, p. 88)

Diante desse medo com um ar sublime, apenas o ressoar de um mote, por parte do destemido Menino, que se repetirá ainda no romance: “Carece de ter coragem” (ROSA, 1986, p. 89). Essa primeira travessia, enquanto acontecimento fundamental da rememoração, ficará registrada na mente do então adolescente Riobaldo como algo exemplar: “o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia” (ROSA, 1986, p. 89).

A vida enquanto perigo

Na rememoração de Riobaldo, a vida passa a ser compreendida numa dimensão que lhe revela o caráter incontornável de ser travessia e de ser definida enquanto perigo pelo fato de ser presidida pelo inesperado e pela incerteza próprios de um percurso que se percebe apenas, como já se disse aqui, posteriormente e como jogo do destino (como um misto de acaso e de necessidade):

O grande romance de Rosa é relação de viagem, transunto da aventura humana, realizada como travessia do sertão, de vereda em vereda. Só que a travessia é uma *peregrinatio* pelas veredas claro-escuro da alma, entre Deus e o Demônio, contrastantes poderes de uma sacralidade ambígua, algo assim como o Destino da tragédia grega. (NUNES, 1998, p. 254)

No final do romance, sabe-se tratar de um drama apenas circunscrito ao “homem humano” atravessando as águas da dispersão do devir. Não parece haver refúgio possível num transcendente, qualquer que seja ele, num sertão onde o viver dos indivíduos se constitui “sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o que é o mal” (LORENZ, 1973, p. 94). Um trecho do romance corrobora com essa perspectiva: “Sertão não é malino nem caridoso... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo” (ROSA, 1986, p. 460). Neste sertão, onde a força e a astúcia devem imperar, “Deus mesmo, quando vier, que venha armado” (ROSA, 1986, p. 11)

Quando Guimarães Rosa coloca seu sertão como sendo do tamanho do mundo, faz da sua travessia exemplificação do percurso que, de qualquer modo, é o do humano no seu gerar-se e corromper-se e na sua busca de compreensão de seu estar no mundo. Nesse sentido, o viver é, por definição, perigoso porque presidido pelo risco, pelo incerto, pela falta de uma compreensão que lhe seja completa. Volto a citar: “Viver é um descuido prosseguido” (ROSA, 1986, p. 57).

Nesta travessia, aprende-se, antes de tudo, que as perguntas é que são mais importantes do que as respostas apenas provisórias, que o incerto reinante faz perder-se no fluxo interminável dos acontecimentos e dos ensaios possíveis. Na travessia perigosa que é o viver tem-se então uma intensificação das perguntas: “Vivendo se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas” (ROSA, 1986, p. 363). Pelo fato de não se saber ainda e pelo fato de sempre surgir num jogo de mostrar-se e

ocultar-se é que o viver se torna em perigosa e obstinada travessia: “só aos poucos é que o escuro é claro” (ROSA, 1986, p. 165), e ainda, “O sertão não chama ninguém às claras, mais, porém, se esconde e acena” (ROSA, 1986, p. 461).

Aqui nos encontramos uma vez mais com Nietzsche e seu personagem no que se refere à compreensão da vida e da verdade que lhe corresponde. Quanto à vida já se referiu aqui como a um amor para com uma mulher da qual se desconfia. Quanto à verdade, esta surge diante de nós numa compreensão delimitada pelo pudor que impede a visualização nua das coisas:

Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu... Hoje é, para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e “saber” tudo... Deveríamos respeitar mais o pudor com que a natureza se escondeu por trás de enigmas e de coloridas incertezas. Talvez a verdade seja uma mulher que tem razões para não deixar ver suas razões? (...) é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! (NIETZSCHE, 2001, p. 15)

Aqui quem preside a relação do homem com o desconhecido, seja do mundo, seja dele próprio, é a *Alétheia* enquanto jogo do des-encobrimento e do encobrimento (HEIDEGGER, 2002, p. 22). É aqui que o claro/escuro do sertão se manifesta em toda complexidade para o personagem-narrador na rememoração do vivido e do perigo que ele, o sertão, comporta enquanto lugar de errância: “No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar. Nada mais” (ROSA, Apud LORENZ, 1973, p. 352). É como um decifrador de enigmas, como tudo na vida, que ele atravessa o labiríntico sertão.

Nessa travessia presidida pelo medo e pelo incerto, o aprendizado da solidão e da coragem, duas virtudes fazendo parte daquilo que poderia ser denominada “uma ética da inquietação” (NUNES, 2002, p. 214), se torna a base dessa caminhada ao encontro de si mesmo. Do mesmo modo que se define como perigoso, o viver se torna também o palco onde, sabendo-se solitário e carecido da coragem, o medo deve ser vencido: “O que o medo é: um produzido dentro a gente, um depositado (...) A vida é para este sarro de medo se destruir” (ROSA, 1986, p. 322).

Conclusão

Entre o medo e a coragem, o inseguro, incerto e idoso Riobaldo aprende, acima de tudo, que a vida é o lugar do combate contra aquilo que não mais diz respeito ao transcendente, mas que se encontra nele incorporado, o medo como se fora um *pathos*. A virtude requerida para domesticar essa paixão ligada à inquietude que preside o viver será então a coragem: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 1986, p. 278). Tanto Riobaldo quanto o espírito livre aprendem da importância da coragem e da perspicácia exigidas nesta perigosa travessia que é o viver e onde o sentido da verdade se encontra ligado à perspectiva de ensaio que torna as coisas do viver naquilo que permite o experimento. Conclui-se com Nietzsche: “o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: *viver perigosamente!* Construam suas cidades próximas ao Vesúvio! Mandem seus navios por mares inexplorados! Vivam em guerra com seus pares e consigo mesmos! (NIETZSCHE, 2001, p. 192)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: EPU, 1973.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Considérations Inactuelles III et IV*. Paris: Gallimard/Folio, 1992.
- _____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- _____. Literatura e Filosofia (*Grande Sertão: Veredas*). In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes – volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 32ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SLOTERDIJK, Peter. *Essai de Intoxication Voluntaire*. Paris: Pluriel, 2001.